



Mestre Kira

- Conteúdos Educacionais

Material de Revisão Literária – PAES

Obras Seleccionadas para Estudo

As meninas — Lygia Fagundes Telles

Cantos à beira-mar — Maria Firmina dos Reis

Criado por: Mestre Kira

Edição: 2025

Conteúdo educacional independente (sem vínculo institucional)

Criado por: Mestre Kira

Material de Revisão Literária – PAES / UEMA

Análise das Obras Literárias Obrigatórias

Documento elaborado com o objetivo de apoiar o estudo das obras literárias selecionadas para o PAES/UEMA, contendo resumos, análises temáticas, estrutura narrativa, personagens, elementos estéticos e relações diretas com o programa do vestibular.

Autor: *Leildo do Nascimento Gonçalves*

Orientação: Autodidata / Estudo independente

Local: *Lago do Junco - MA*

Ano: 2025

APRESENTAÇÃO

O presente material foi elaborado com a finalidade de oferecer uma revisão completa, clara e organizada das obras do PAES/UEMA selecionadas para estudo. O foco está na análise de **duas obras literárias**, escolhidas para aprofundamento:

- **As meninas**, de Lygia Fagundes Telles
- **Cantos à beira-mar**, de Maria Firmina dos Reis

A terceira obra da lista — *Entre a espada e a rosa*, de Marina Colasanti — será disponibilizada separadamente no site do autor e não compõe este documento analítico.

O conteúdo aqui apresentado segue uma metodologia uniforme de estudo, contemplando:

- ✓ Resumo global (em partes para maior clareza)
- ✓ Análise literária completa
- ✓ Temas centrais
- ✓ Motivos recorrentes
- ✓ Estruturas narrativas e estéticas
- ✓ Personagens e funções
- ✓ Relações com o vestibular
- ✓ Questões objetivas e discursivas

A proposta é permitir ao estudante compreender não apenas a narrativa de cada obra, mas sua profundidade psicológica, histórica, estética e simbólica, capacitando-o para responder questões interpretativas, análises discursivas e redações que envolvam comparações entre textos literários.

INTRODUÇÃO

As leituras literárias obrigatórias do PAES/UEMA desempenham papel central na formação crítica do estudante e constituem referência fundamental para a prova de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. A análise cuidadosa das obras selecionadas permite compreender não apenas seus enredos, mas também temas, estruturas estéticas, valores sociais, contextos históricos e elementos simbólicos que formam o sentido mais profundo de cada texto.

Este material reúne um estudo detalhado de **duas das três obras literárias propostas**: *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles, e *Cantos à beira-mar*, de Maria Firmina dos Reis. Ambas apresentam relevância estética, histórica e social, além de oferecerem grande potencial interpretativo — característica frequentemente explorada pela UEMA em suas avaliações.

A abordagem utilizada aqui procura organizar o conteúdo de maneira pedagógica, dividindo cada obra em blocos de análise que favorecem a compreensão gradual: resumo global, análise literária, temas centrais, estrutura narrativa, personagens, marcas estéticas e possíveis relações com questões de vestibular. A intenção é permitir que o estudante leia, revise e compare conceitos com clareza e objetividade.

A opção por não incluir neste documento a análise de *Entre a espada e a rosa*, de Marina Colasanti, decorre de uma reorganização estratégica do estudo: essa obra permanecerá disponível em outro formato no site pessoal do autor, preservando o foco deste material nas duas análises principais.

Assim, este documento atende ao propósito de oferecer uma ferramenta de estudo completa, coesa e adequada às exigências do PAES, contribuindo para a leitura crítica e para o domínio das obras que compõem o eixo literário da prova.

AS MENINAS - LÍGIA FAGUDES TELES

RESUMO GLOBAL – PARTE 1

Obra: As meninas

Autora: Lygia Fagundes Telles

A narrativa se desenvolve em São Paulo, durante os anos finais da ditadura militar brasileira, e gira em torno de três jovens universitárias que vivem no pensionato Nossa Senhora de Fátima, um espaço dirigido por freiras onde convivem diferentes realidades sociais, ideológicas e afetivas. A obra acompanha um período de suas vidas no qual todas atravessam crises pessoais intensas que revelam seus conflitos internos e externos. Apesar de compartilharem o mesmo ambiente físico, cada uma vive uma história profundamente distinta e, ao mesmo tempo, interligada.

Lorena, Lia e Ana Clara compõem o tripé do romance. Cada uma narra partes da história a partir de sua própria voz, e essas vozes se alternam livremente, misturando presente, lembranças, fantasias, reflexões e episódios marcados pela subjetividade. O resultado é um enredo fragmentado, porém coerente, que expõe a multiplicidade da experiência feminina num momento histórico de repressão política, desigualdades e tensões geracionais.

A primeira camada do romance apresenta Lorena Vaz Leme, jovem da elite paulistana que vive imersa em devaneios e rituais sensoriais. Sua sensibilidade é marcada pela educação tradicional, pelo convívio com símbolos de status e pela presença constante da mãe, Mãezinha, e do padrasto, Mieux, um homem de postura autoritária e presença ambígua na construção de sua identidade. Lorena é romântica, imaginativa e altamente autocentrada, mas também sensível e carente. Envolve-se emocionalmente com um médico mais velho, Marcus Nemesius (M. N.), cuja figura representa ao mesmo tempo o desejo e a idealização. Seu núcleo narrativo explora o contraste entre fantasia e realidade, revelando a incapacidade de Lorena de lidar com frustrações, perda, solidão e desejo.

A segunda camada narrativa surge com Lia de Melo Schultz, estudante de Ciências Sociais, militante de esquerda e pertencente à classe média. Seu namorado, Miguel, está preso por envolvimento na resistência política, e isso intensifica sua angústia e suas responsabilidades. O discurso de Lia é sempre racional, politizado e direto, funcionando

como contraponto à imaginação desordenada de Lorena e à fragmentação psíquica de Ana Clara. Ela se dedica a tarefas de apoio à militância, vive sob risco constante de perseguição e mantém uma expressão exterior de força que, no entanto, oculta seu desgaste emocional. Seu arco envolve medo, resistência e compromisso político, além de tensões com a família, especialmente o pai, conservador e incapaz de compreender suas escolhas.

A terceira protagonista surge em fragmentos que revelam sua instabilidade: Ana Clara, modelo, filha de uma família desestruturada e marcada por experiências traumáticas desde a infância. Sua dependência química e envolvimento com um namorado ligado ao tráfico a colocam em um ciclo de degradação emocional e física. Ana Clara vive entre recaídas, tentativas de recuperação e idealizações de ascensão social. Sua narrativa destaca a dificuldade de manter vínculos afetivos, o peso de memórias dolorosas e a luta constante entre lucidez e descontrole. É a personagem mais vulnerável e a que carrega o passado mais brutal.

O pensionato funciona como cenário central e como metáfora. É um espaço que representa abrigo, disciplina e controle, mas também funciona como ponto de encontro de vidas incompatíveis: o recolhimento religioso das freiras, o fervor social de Lia, o hedonismo e a fantasia de Lorena, e o caos íntimo de Ana Clara. As rotinas, os pequenos conflitos domésticos e os momentos compartilhados revelam diferenças profundas entre as três amigas, mas também demonstram solidariedade, afeto e cumplicidade.

Ao longo da primeira parte do romance, Lygia Fagundes Telles constrói um painel da juventude durante a repressão, expondo com delicadeza e rigor literário como cada personagem reage às tensões do período: Lorena se refugia na interioridade estética, Lia se engaja na luta política e Ana Clara tenta fugir de um passado e de um presente que a esmagam. Seus destinos individuais começam a se aproximar, entrelaçando trajetórias que parecem caminhar para um ponto de crise.

RESUMO GLOBAL – PARTE 2

Obra: As meninas

Autora: Lygia Fagundes Telles

À medida que a narrativa avança, o romance aprofunda os conflitos internos das protagonistas e expõe de forma mais clara a deterioração dos vínculos emocionais e sociais que envolvem cada uma. O pensionato permanece como eixo organizador do enredo, mas o foco começa a se voltar para as tensões crescentes entre suas vidas privadas e o contexto histórico opressivo. Cada movimento da trama revela como as três jovens, apesar das diferenças, caminham paralelamente para uma ruptura inevitável.

A presença do regime militar se intensifica sobretudo no núcleo de Lia. Ela participa de reuniões, cumpre tarefas clandestinas e se envolve em pequenas ações de apoio à resistência. A prisão de Miguel torna-se um peso insuportável, tanto pela ausência quanto pela incerteza de seu estado físico e psicológico. A narrativa mostra como Lia se equilibra entre seus compromissos pessoais e políticos: por um lado, o afeto pela família, que tenta protegê-la ou controlá-la; por outro, o dever moral que sente em relação ao grupo. A pressão aumenta quando notícias de desaparecimentos, torturas e operações policiais começam a cercar o cotidiano. A responsabilidade de assumir funções delicadas recai sobre ela, e seus pensamentos muitas vezes oscilam entre coragem e esgotamento.

Enquanto isso, Lorena segue aprofundando seu universo íntimo e estético. Ela se apegue cada vez mais à figura de M. N., que lhe oferece atenção, mas não entrega o compromisso amoroso que ela idealiza. A incerteza, as ausências e a distância emocional do médico funcionam como gatilhos para a intensificação de seus rituais afetivos – pequenos gestos, objetos, lembranças e fantasias que ela reorganiza para criar uma sensação de estabilidade. Lygia mostra como o amor de Lorena é marcado pelo desejo de transcendência e pureza, mas também por um fundo de carência e insegurança. Suas relações com a mãe e com o padrasto destacam essa fragilidade, especialmente quando ela se vê dependente da aprovação de ambos. A personagem se refugia em música, leituras, objetos delicados e reminiscências que coloram sua visão do mundo, mas esse refúgio começa a se mostrar insuficiente.

Ana Clara, por sua vez, entra em um ciclo de degradação mais evidente. Seus episódios com o namorado Max revelam uma relação marcada por exploração, violência

e manipulação. Ao mesmo tempo, ela tenta manter uma postura sedutora ou despreocupada, mas a narrativa expõe a verdade: seus vícios, sua dependência emocional e suas memórias traumáticas corroem sua estabilidade mental. O passado reaparece por meio de lembranças fragmentadas da infância pobre, da negligência familiar, de abusos e da convivência com figuras que marcaram sua formação de modo destrutivo. O romance enfatiza como a falta de referenciais afetivos sólidos e a ausência de cuidado desde a infância se revelam no presente. Ana Clara sonha com ascensão social, casamento com um homem rico e um futuro de conforto e segurança, mas suas escolhas e circunstâncias a afastam desse ideal, criando uma tensão constante entre desejo e realidade.

O convívio entre as três, embora sincero em muitos momentos, é atravessado por contrastes que geram choques e empatia alternadamente. Lorena cuida de Ana Clara como pode, oferecendo abrigo emocional e tentando amenizar seus impulsos autodestrutivos. Lia, mais pragmática, muitas vezes perde a paciência com a instabilidade da amiga, mas não deixa de amá-la e de sentir compaixão. Entre as três forma-se uma espécie de comunidade afetiva imperfeita, sustentada por afinidades momentâneas, ironias, pequenas discussões e gestos de carinho. Suas diferenças de classe, ideologia e temperamento tornam a convivência intensa e, às vezes, conflituosa, mas também revelam a complexidade das relações humanas num ambiente de restrição e incerteza.

O pensionato, com suas freiras, normas e rotinas, assume um papel simbólico ainda mais forte nessa etapa. As religiosas, especialmente Madre Alix e Irmã Bula, funcionam como figuras de autoridade que observam, protegem e tentam orientar as jovens, ainda que raramente compreendam a profundidade de seus dilemas. O espaço religioso contrasta com os dramas pessoais e coletivos que atravessam a vida das três protagonistas, e as regras do lugar muitas vezes são vividas como obstruções ou como frágeis barreiras contra o caos do lado de fora.

A tensão narrativa vai crescendo à medida que o mundo externo invade o interno: notícias de prisões e violência política chegam até Lia; pressões sociais e familiares interferem nas idealizações afetivas de Lorena; e a rede de vícios, dívidas e ameaças se fecha ao redor de Ana Clara. As três trajetórias, que até então se movimentavam de forma paralela, começam a convergir de maneira mais clara. Há uma expectativa implícita de que algo decisivo está prestes a acontecer. Cada movimento interior se soma a um movimento exterior maior, criando preparação dramática para o instante em que suas vidas serão irremediavelmente atravessadas pelos acontecimentos que se aproximam.

RESUMO GLOBAL – PARTE 3

Obra: As meninas

Autora: Lygia Fagundes Telles

A narrativa entra agora em sua zona de maior tensão, quando os conflitos pessoais de cada protagonista alcançam um nível insustentável, ao mesmo tempo em que a pressão externa – política, afetiva e social – chega ao ápice. O romance passa a se mover com mais rapidez, e os núcleos antes apenas paralelos começam a se entrelaçar em direção a um ponto de ruptura comum.

Lia é a primeira a sentir de modo explícito essa intensificação. Ela torna-se alvo direto da vigilância policial, tanto por sua ligação com Miguel quanto pelos serviços clandestinos que executa. Pequenos sinais – como presenças suspeitas, carros à espreita e relatos de outros militantes – indicam que a repressão está se fechando ao seu redor. Esse aumento da tensão não leva Lia ao desespero, mas a um estado de atenção constante, em que cada deslocamento é planejado e cada decisão precisa ser rápida. Sua vida passa a ser dominada por uma sucessão de tarefas e por um medo silencioso de ser presa ou de não conseguir proteger aqueles que dependem dela. Ao mesmo tempo, ela se esforça para manter um mínimo de normalidade no pensionato, tentando esconder das amigas a gravidade do que enfrenta. Mas tudo se torna mais difícil quando chegam notícias mais precisas sobre Miguel, indicando que sua situação é crítica e que a qualquer momento ele pode desaparecer dentro do sistema prisional da ditadura.

Enquanto Lia luta para manter o controle de sua vida, Lorena vive uma crise de outra natureza. A idealização de M. N., que sustentava parte de seu equilíbrio emocional, começa a se fragmentar diante de ausências sucessivas e da constatação de que o médico não pretende assumir nenhum compromisso real com ela. Sua vida se torna uma espera constante, marcada por tentativas de contato que quase sempre resultam em frustração. A casa luxuosa da família, que deveria lhe oferecer segurança, passa a causar sufocamento, pois revela o vazio afetivo que permeia suas relações mais íntimas. Os rituais de beleza, as conversas cuidadosamente moduladas e as memórias inventadas deixam de ser suficientes para protegê-la do sentimento crescente de abandono. Lorena percebe que seu mundo interno, sempre ornamentado pela fantasia, está se deteriorando. Começa a enfrentar episódios de angústia e dúvidas sobre sua própria identidade, e a perceber que

sua fragilidade afetiva a impede de enxergar claramente a realidade dos vínculos que cultiva.

Ana Clara, por sua vez, caminha rapidamente para o limite de sua resistência física e psicológica. Os conflitos com Max se intensificam, assim como as ameaças relacionadas a dívidas e ao consumo de drogas. Sua dependência se agrava, e ela passa a oscilar entre momentos de lucidez e lapsos profundos, marcados por delírios, memórias da infância e uma sensação crescente de desamparo. O passado traumático reaparece com mais força, mostrando abusos, pobreza extrema e abandono materno. O sonho de ascensão social, que ela tentava manter como horizonte, se desfaz diante da impossibilidade de conciliar aparência e realidade. Ana Clara tenta esconder seu estado das amigas, mas Lorena percebe sinais, enquanto Lia manifesta preocupação, embora com menos paciência. Seus comportamentos instáveis começam a afetar diretamente a convivência no pensionato.

É nesse momento que a narrativa começa a aproximar intensamente as três trajetórias. A situação política do país se infiltra no cotidiano das jovens de forma irreversível. No pensionato, freiras e alunas convivem com a sensação de que o mundo externo está prestes a alterar definitivamente suas rotinas protegidas. As conversas, antes superficiais ou envoltas em afeto, tornam-se mais tensas. Lorena percebe a exaustão de Lia; Lia observa a deterioração emocional de Ana Clara; e Ana Clara, em seus momentos de clareza, demonstra receio de que algo terrível esteja prestes a acontecer, seja consigo mesma, seja com o ambiente ao redor.

Esse entrelaçamento de destinos aumenta quando um acontecimento específico envolve uma das personagens de modo inesperado, desencadeando um efeito dominó que repercute sobre as outras duas. A segurança do pensionato, antes vista como barreira contra o caos, se rompe. O espaço passa a ser atravessado por acontecimentos que revelam a fragilidade das estruturas de proteção tradicionais: a autoridade das freiras é limitada, a disciplina interna já não é capaz de conter o medo ou a instabilidade das jovens, e a percepção coletiva é de que todas estão vulneráveis ao que acontece fora dos muros da instituição.

As protagonistas chegam, assim, a um momento decisivo. A pressão política sobre Lia atinge o limite; a desilusão afetiva de Lorena se transforma em uma crise existencial mais profunda; e a degradação de Ana Clara se acentua de forma angustiante. A partir daí, a narrativa se direciona para o clímax – um ponto de condensação dramática no qual os

caminhos das três se cruzam definitivamente, não mais apenas pelo espaço que compartilham, mas por um acontecimento que redefine a vida de todas.

RESUMO GLOBAL – PARTE 4 (DESFECHO)

Obra: As meninas

Autora: Lygia Fagundes Telles

A etapa final do romance concentra o desfecho das trajetórias de Lorena, Lia e Ana Clara, convergindo tudo o que foi construído ao longo da narrativa em um acontecimento traumático que marca definitivamente a vida das três. Esse momento final é construído de maneira rápida e intensa, refletindo a urgência emocional, política e psicológica que atravessa o livro inteiro.

A crise de Ana Clara alcança o ponto mais grave. Sua dependência química se agrava até um nível de instabilidade extrema, e os conflitos com Max e com o ambiente marginal que a cerca se tornam ameaçadores. Ana Clara oscila entre pedir ajuda, se esconder, fugir e negar seu estado. Seus delírios e lembranças misturam presente e passado, enquanto sua fragilidade física se torna evidente para as amigas e para as freiras. Há uma sensação crescente de que ela está se distanciando da realidade cotidiana e entrando em um território de risco, do qual talvez não consiga voltar.

Lorena, percebendo com mais nitidez que M. N. não corresponderá ao seu amor, enfrenta uma profunda crise interna. O romance aborda sua tentativa de reconstruir algum sentido para sua existência, mas ela se vê cada vez mais isolada, presa a idealizações que desmoronam. Mesmo assim, Lorena tenta ajudar Ana Clara com gestos de cuidado, embora seu próprio mundo interno esteja instável. Sua sensibilidade e seu hábito de observar detalhes – objetos, gestos, aromas, memórias – tornam-se uma espécie de filtro para o choque que se aproxima, como se ela tentasse deter a tragédia com pequenas delicadezas.

Lia, por sua vez, vive o ápice da repressão política. Torna-se alvo direto da perseguição, e o risco de ser presa é iminente. Sua permanência no pensionato se torna inviável, e ela decide partir para se proteger e continuar sua militância. O romance mostra o momento em que Lia, obrigada a enfrentar sua própria vulnerabilidade, arruma suas coisas para deixar o pensionato. Esse movimento simboliza a ruptura definitiva com o

ambiente protegido e a entrada total no mundo da clandestinidade. A despedida é silenciosa, dura, marcada por urgência e incerteza.

É nesse contexto que ocorre o acontecimento central do desfecho: Ana Clara, em um estado crítico de dependência, colapso emocional e desgaste físico, sofre um desfecho trágico dentro do pensionato. Lygia descreve esse momento com uma combinação de intensidade e delicadeza, evitando sensacionalismo e destacando a dimensão humana da personagem. O episódio é abrupto, chocante e emocionalmente desestabilizador, marcando a morte de Ana Clara como o ponto de convergência dos três núcleos narrativos.

A morte da jovem funciona como catalisador simbólico da obra. Para Lorena, é a quebra definitiva de suas fantasias e a constatação dolorosa de que o mundo não se rege pela lógica da delicadeza ou da idealização. Sua reação revela ao leitor um misto de incredulidade e súbita consciência. Para Lia, que já estava prestes a partir, a tragédia se torna uma ferida profunda que se soma ao fardo político que carrega. A morte de Ana Clara é, para ela, um lembrete brutal da violência da vida real, que existe tanto nos abusos do regime quanto nos dramas íntimos daqueles que não conseguem resistir às próprias dores.

O pensionato, espaço que representava proteção e contenção, é desestabilizado definitivamente. As freiras vêem sua autoridade e seus esforços ruírem diante da realidade que penetrou seus muros. A narrativa sugere que nenhum espaço está realmente isolado do mundo e de suas tensões.

O romance encerra-se com a dispersão das três trajetórias. Ana Clara se extingue; Lia parte em fuga, levando consigo o risco e a resistência; e Lorena permanece, mas transformada pela perda e pela percepção de que seu universo idealizado não poderá mais existir da mesma forma. A obra se conclui deixando clara a ruptura definitiva entre o mundo que as três tentavam preservar e o mundo real, marcado pela violência política, pela desigualdade social e pela fragilidade dos afetos.

As meninas termina sem uma resolução plena, mas com um profundo impacto emocional e simbólico. O leitor compreende que a juventude das protagonistas, marcada por sonhos, conflitos e esperança, foi atravessada por forças que ultrapassam o espaço íntimo e que a realidade histórica, violenta e desigual, exerce influência direta sobre cada destino individual. A tragédia final, mais do que apenas um evento isolado, revela o

esgotamento das estruturas sociais e afetivas que sustentavam as três jovens e encerra a narrativa com a imagem poderosa de três caminhos que se separam de modo irrecuperável.

ANÁLISE LITERÁRIA

As meninas – Lygia Fagundes Telles

A obra apresenta uma estrutura narrativa fragmentada, múltipla e profundamente subjetiva. Esse modo de construção literária permite que o leitor não apenas acompanhe acontecimentos, mas ingresse no fluxo de consciência, nos impulsos psicológicos, nas memórias, nas percepções sensoriais e nas fraturas internas das três protagonistas. A fragmentação é coerente com o contexto histórico e emocional representado: um Brasil sob ditadura, personagens em crise, juventudes despedaçadas entre sonho e opressão.

A narrativa se equilibra constantemente entre dois planos:

- o **plano íntimo**, dominado por emoções, traumas, desejos e projeções;
- o **plano histórico**, dominado pela repressão militar e pela violência política.

O romance propõe que não existe separação real entre esses planos: o mundo externo contamina o interno e vice-versa. Por isso, cada personagem explora uma forma diferente de responder ao momento histórico, refletindo três modos distintos de vivenciar a juventude sob opressão.

TEMAS CENTRAIS

1. Ditadura Militar e repressão política

O romance retrata diretamente o clima de medo, perseguição e vigilância. Lia, militante, representa a juventude politizada e resistente. A ditadura não aparece como pano de fundo, mas como força concreta que atravessa corpos, relações e rotinas. A tensão aumenta gradualmente, mostrando a intensificação da violência institucional.

2. Identidade feminina e construção da subjetividade

Lorena, Lia e Ana Clara representam três respostas diferentes às expectativas sociais sobre a mulher:

- Lorena: feminilidade idealizada, romântica, estética, moldada pelo privilégio.
- Lia: racionalidade, autonomia, crítica social, conflito entre afeto e política.
- Ana Clara: vulnerabilidade extrema, fragilidade, sobrevivência em condições de risco.

A obra desconstrói estereótipos e revela a complexidade das subjetividades femininas.

3. Desigualdade social

A convivência entre jovens de classes distintas no pensionato explicita contrastes estruturais. Ana Clara carrega o peso da pobreza e do abandono; Lorena, o peso das expectativas da elite; Lia, a posição intermediária e militante. A desigualdade é motor de conflitos, escolhas e destinos.

4. Dependência emocional e afetiva

Cada personagem tem sua própria forma de dependência:

- Lorena depende da idealização amorosa;
- Lia depende do compromisso político e convive com a angústia amorosa;
- Ana Clara depende de drogas, aprovação, afeto e fantasias de ascensão social.

5. Traumas da infância

A obra sugere que crises adultas têm raízes profundas em experiências formativas, especialmente no caso de Ana Clara. A infância dessas jovens não aparece como memória neutra, mas como material emocional que molda o presente.

6. Amizade e solidariedade

Apesar dos conflitos e diferenças, as três apresentam vínculos fortes. O romance mostra que a amizade não é linear nem idealizada, mas atravessada por tensões, empatia, irritação, afeto e necessidade.

7. O colapso da juventude

A morte de Ana Clara, a fuga de Lia e o abalo de Lorena demonstram que sonhos, corpos e projetos são atingidos diretamente pela conjuntura política e pelas condições sociais.

MOTIVOS RECORRENTES

1. **Água**

Aparece como símbolo de purificação, fluxo emocional e instabilidade. Em Ana Clara, pode remeter à dissolução; em Lorena, à sensorialidade; em Lia, ao movimento contínuo.

2. **Espelhos**

Usados especialmente na narrativa de Lorena, simbolizam a busca por identidade, a fragmentação do "eu" e a distância entre aparência e verdade.

3. **Objetos delicados e rituais cotidianos**

Associados a Lorena, revelam sua necessidade de ordem e beleza como forma de controle emocional.

4. **Luz e sombra**

Usados para marcar momentos de lucidez, colapso ou perigo. Na narrativa de Ana Clara, as sombras associam-se à dependência e ao passado traumático.

5. **Portas, corredores, escadas**

Símbolos de passagem, limiar, medo e mudança. O pensionato funciona como um espaço de transição.

6. **Vozes e ruídos**

A obra trabalha com murmúrios, conversas, passos, telefones, reforçando a atmosfera de vigilância, inquietação e instabilidade emocional.

PERSONAGENS

(Perfil, função dramática e evolução)

Lia de Melo Schultz

Perfil: universitária de Ciências Sociais, militante de esquerda, racional, crítica, madura emocionalmente, mas também cansada, vulnerável e solitária.

Função dramática: simboliza a juventude politizada, o enfrentamento da repressão militar e a dimensão pública da crise nacional.

Evolução: inicia a narrativa com força e convicção; termina em situação de fuga e clandestinidade, emocionalmente marcada pela prisão de Miguel e pela morte de Ana Clara. Seu amadurecimento é duro e doloroso.

Lorena Vaz Leme

Perfil: jovem da elite, sensível, imaginativa, romântica e sofisticada, marcada por afetos idealizados e por dependência emocional.

Função dramática: representa o universo íntimo, estético e afetivo; oferece contraste ao realismo político de Lia e à dureza vivida por Ana Clara.

Evolução: sua idealização amorosa se desintegra, e ela se confronta com a realidade, adquirindo uma consciência mais amarga do mundo e de si mesma. A morte de Ana Clara rompe suas fantasias e revela sua fragilidade.

Ana Clara dos Reis

Perfil: jovem pobre, marcada por traumas de infância, violência familiar, dependência química e fragilidade emocional. Alterna sedução, ingenuidade, desespero e lucidez.

Função dramática: simboliza a vulnerabilidade social e emocional; representa os limites extremos da juventude sob opressão.

Evolução: seu percurso é descendente; passa de instabilidade à deterioração e, finalmente, à morte. É o eixo trágico da narrativa.

Personagens secundárias relevantes:

- Miguel: preso político e amor de Lia. Representa ideal, esperança e sacrifício.
- M. N.: objeto da idealização amorosa de Lorena, mas emocionalmente distante.
- Max: parceiro abusivo de Ana Clara, ligado ao submundo; representa ameaça e manipulação.
- Mãezinha e Mieux: símbolos da elite, da hipocrisia social e das expectativas familiares.
- Freiras do pensionato: figuras que representam a disciplina e o desejo de proteção, mas incapazes de impedir o colapso final.

NARRADOR E FOCO NARRATIVO

As meninas apresenta uma estrutura de **narradores múltiplos**, com alternância entre três perspectivas principais: Lorena, Lia e Ana Clara. Cada uma narra trechos da história por meio de monólogos interiores, diálogos, fragmentos de memória e impressões sensoriais. Não existe um narrador externo que organize tudo de forma neutra; o romance se constrói a partir da percepção subjetiva das protagonistas.

O foco narrativo é predominantemente **interno** e marcado pelo **fluxo de consciência**, recurso no qual as falas e pensamentos surgem de maneira livre, sem necessidade de conexão linear. Esse formato reforça a intensidade emocional da obra e a particularidade de cada voz, criando um mosaico de experiências que, juntas, compõem o enredo.

AS CARACTERÍSTICAS DE CADA FOCO:

Lia

- É direta, crítica, analítica. Sua narrativa é mais coerente, politizada e articulada. A linguagem é marcada pelo compromisso racional, pela consciência histórica e pela maturidade.
- Seu foco evidencia o peso da repressão e da militância.

Lorena

- Tem narrativa sensorial e imagética.
- Sua mente associa lembranças, desejos, objetos e emoções de maneira poética.
- Mais do que narrar acontecimentos, ela constrói atmosferas e reflexões.
- Seu foco é o mais introspectivo.

Ana Clara

- Possui o foco narrativo mais fragmentado.
- Sua narrativa imita seu estado psicológico: abrupta, confusa, alternada entre passado e presente.
- Revela traumas, delírios e vulnerabilidade.
- Essa alternância de vozes cria uma estrutura de **verdades parciais**. O leitor precisa montar o sentido total a partir desses fragmentos, o que exige atenção e participação ativa.

TEMPO, ESPAÇO E ESTILO

Tempo

- O romance não segue ordem cronológica linear.

- O tempo é psicológico: memórias surgem sem aviso, o presente se mistura ao passado, e reflexões interrompem ações.
- Ainda assim, o enredo central ocorre ao longo de um período relativamente curto, provavelmente semanas.
- O tempo histórico é o período mais duro da ditadura militar, o que afeta diretamente o destino de Lia.

Espaço

- Os espaços funcionam simbolicamente:
- O pensionato Nossa Senhora de Fátima
- Espaço fechado, protegido, disciplinado, mas incapaz de isolar as jovens das tensões externas.
- É o centro da convivência e o ponto onde as histórias colidem.

A cidade de São Paulo

- Surge como cenário urbano caótico, com bairros contrastantes que revelam desigualdades sociais.
- É também território político, marcado por repressão, vigilância e clandestinidade.
- Outros espaços (casa de Lorena, ambientes da infância de Ana Clara, locais de militância) aparecem em fragmentos de memória, reforçando a subjetividade do romance.

Estilo

- Lygia utiliza linguagem rica, precisa, lírica e ao mesmo tempo concisa.
- Sua escrita combina sensorialidade e introspecção com crítica social.
- Há marcas constantes de poesia, imagens, metáforas, cortes abruptos e associações livres.

O estilo acentua a complexidade psicológica das personagens e dá profundidade estética ao romance.

MARCAS ESTÉTICAS

A obra apresenta traços que dialogam com diferentes correntes literárias, embora seja mais corretamente vinculada ao **pós-modernismo** brasileiro e à **ficção psicológica**.

Características pós-modernas:

- Fragmentação narrativa
- Multiplicidade de vozes
- Ausência de linearidade
- Mistura de planos (íntimo, político, social)
- Realidade percebida como instável
- Questionamento de verdades absolutas

Características de ficção psicológica

- Ênfase na interioridade
- Exploração profunda do trauma, desejo e memória
- Foco no fluxo de consciência

Elementos realistas

- Representação fiel do contexto da ditadura
- Desigualdade social
- Violência política e urbana

Clareza estética

A obra se sustenta exatamente na tensão entre:

- o íntimo e o histórico,
- o estético e o político,
- o poético e o brutal.

É essa união que dá ao romance sua força e profundidade.

RELAÇÕES COM O VESTIBULAR

As meninas — Lygia Fagundes Telles

A obra é altamente estratégica para provas de vestibular, pois reúne aspectos literários, históricos, sociais e psicológicos que permitem uma grande variedade de questões. O PAES costuma valorizar:

1. leitura crítica
2. interpretação profunda
3. relação entre obra e contexto histórico
4. análise de personagens e construção narrativa

"As meninas" atende plenamente a esses critérios.

POSSÍVEIS TEMAS COBRADOS

(questões, redações e análises discursivas)

1. Ditadura Militar
Como o romance retrata a repressão, o medo, a clandestinidade e o impacto da violência política sobre a juventude.
2. Multiplicidade de vozes
A construção de três narradoras e seus diferentes modos de perceber o mundo.
3. Fragmentação narrativa
Fluxo de consciência, cortes temporais, subjetividade.
4. Condição feminina
Conflitos entre imposições sociais, expectativas familiares, fragilidade emocional e resistência.
5. Desigualdade social
O choque entre as condições de Lorena, Lia e Ana Clara.
6. Psicologia das personagens
Traumas, desejos, crises, dependência emocional e química.

7. **Construção simbólica dos espaços**
Pensionato, cidade, casa de Lorena.
8. **Tragédia final**
A morte de Ana Clara como síntese social, emocional e histórica.
9. **Relações entre ficção e política**
Como a obra apresenta o impacto da repressão no cotidiano.

ASSUNTOS TRANSVERSAIS

(que podem aparecer em questões abertas, redções ou interdisciplinares)

1. **Cidadania e direitos humanos**
Tortura, perseguição política, liberdade, resistência.
2. **Identidade e subjetividade**
Como nos construímos afetivamente e psicologicamente.
3. **Saúde mental e vulnerabilidade**
Dependência química, colapso emocional, trauma.
4. **Classe social**
Desigualdade, privilégios, mobilidade social.
5. **Violência estrutural**
Nos corpos femininos, na pobreza, na política.
6. **Ética e responsabilidade coletiva**
O que significa resistir? O que significa omitir-se?

QUESTÕES DISCURSIVAS PARA PRÁTICA DE COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

Explique como a narrativa de "As meninas" utiliza diferentes vozes femininas para representar a juventude brasileira durante a ditadura militar.

1. Analise o contraste entre as condições sociais das três protagonistas e discuta como isso influencia a trajetória de cada uma.

2. Comente a importância da fragmentação narrativa para a construção do sentido da obra.
3. Relacione a morte de Ana Clara ao contexto social e político representado no romance.
4. Compare a forma como "As meninas" e "Entre a espada e a rosa" retratam conflitos femininos, cada uma a seu modo.

QUESTÕES OBJETIVAS

1. Em "As meninas", a alternância de narradoras tem a função de:
 - A) Apresentar versões contraditórias dos mesmos fatos apenas para confundir o leitor.
 - B) Reforçar a multiplicidade de experiências femininas e a subjetividade das personagens.
 - C) Ocultar o enredo principal, mantendo o suspense até o final.
 - D) Reproduzir apenas a visão política da personagem Lia.
 - E) Substituir a narrativa linear por uma estrutura cronológica rígida.

Resposta correta: B

Comentário: O romance trabalha com múltiplos focos narrativos para apresentar diversas formas de viver a juventude sob opressão, revelando trajetórias íntimas e sociais diferentes, mas complementares.

2. Qual das alternativas melhor define o papel de Ana Clara no romance?
 - A) Representar a elite paulistana.
 - B) Ser o contraponto racional de Lia.
 - C) Simbolizar vulnerabilidade social e emocional, marcada por traumas e dependência.
 - D) Representar o sucesso da militância política juvenil.
 - E) Ilustrar a disciplina imposta pelo pensionato.

Resposta correta: C

Comentário: Ana Clara é a personagem mais frágil e vulnerável, marcada pela pobreza, pelo abandono e pela dependência. Sua trajetória funciona como eixo trágico da narrativa.

RESUMO GLOBAL – *Cantos à beira-mar* (Maria Firmina dos Reis)

Cantos à beira-mar é um livro de poesias publicado originalmente em 1871 por **Maria Firmina dos Reis**, autora maranhense pioneira da escrita abolicionista e da produção literária feminina no Brasil. A obra reúne poemas de forte caráter **lírico, reflexivo, moral, religioso e social**, explorando temas como natureza, amor, melancolia, destino humano, espiritualidade, desigualdades e sofrimento coletivo.

Embora não constitua uma narrativa linear, o conjunto forma um **painel sensível da subjetividade feminina e da visão humanista** da autora. Seus poemas são curtos e médios, escritos majoritariamente em versos regulares, com rimas frequentes e tonalidade sentimental. Há também presença notável de **imagens marítimas**, tanto em sentido literal quanto simbólico — a autora viveu no litoral maranhense, e o “mar” se torna metáfora para existência, tempo, vida e morte.

1. Estrutura do livro

O volume é composto por diversos poemas independentes, mas unidos por temas e imagens recorrentes. Não há divisão formal por seções, porém os poemas podem ser agrupados em grandes eixos:

a) Poemas de contemplação da natureza

- Há várias composições que abordam o mar, o vento, o entardecer, a noite, a lua, as ondas, as estações, as flores.
- O eu lírico observa o mundo natural com admiração, mas também com uma melancolia constante, como se a natureza espelhasse seus conflitos íntimos.

b) Poemas amorosos

- Expressam amor idealizado, esperança, desilusão, perda e saudade.
- O tom é casto, íntimo e sentimental, seguindo a estética romântica.

c) Poemas de reflexão existencial

- Questionamentos sobre o destino, a passagem do tempo, o sofrimento humano e o sentido da vida.

d) Poemas de fundo moral e religioso

- Referências à fé cristã, à confiança em Deus, à resignação diante da dor e ao desejo de retidão espiritual.

e) Poemas sociais e de compaixão

- São menos numerosos, mas importantes. Embora não tão diretamente abolicionistas quanto sua obra em prosa (*Úrsula, A escrava*), alguns poemas revelam a empatia pela dor dos outros, a consciência de injustiças e a defesa da dignidade humana.

2. Principais características gerais da obra

Tom lírico e introspectivo

- O eu poético expressa emoções íntimas, quase sempre num registro de serenidade triste ou nostalgia suave.

Estilo romântico

- valorização da natureza;
- sensibilidade exacerbada;
- idealização do amor;
- melancolia;
- musicalidade dos versos;
- religiosidade.

Presença marcante do mar

O mar aparece como espelho da alma, imagem de infinitude, metáfora de movimento e transformação.

O mar pode ser:

- calmo (paz interior),
- tempestuoso (angústia),
- profundo (mistério da existência),
- infinito (transcendência).

Sensibilidade feminina pioneira

- Maria Firmina assume uma voz feminina em tempos em que mulheres raramente publicavam.
- O sentimento íntimo se articula com ética, compaixão e olhar solidário.

Linguagem simples, mas elegante

- Os poemas não são herméticos.
- Predomina vocabulário direto, clareza, ritmo e harmonia.

3. Síntese temática do livro

A seguir, a síntese unificada dos temas que perpassam o conjunto de poemas.

- **Natureza como expressão da interioridade**

A autora vê a natureza como extensão da subjetividade. O mar se torna confidente e parceiro emocional.

- **(Melancolia e efemeridade)**

A passagem do tempo é sentida com tristeza e contemplação. A vida é breve, as ilusões são frágeis.

- **Amor e perda**

Frequentemente o amor é marcado por saudade, distância, lembrança, impossibilidade ou recolhimento moral.

- **Religiosidade e confiança em Deus**

O sofrimento humano é enfrentado com fé. Há resignação e busca de transcendência.

- **Humanismo e compaixão**

O sofrimento do outro importa. Há poemas que falam de dor alheia, desigualdade, miséria, injustiça, ainda que de maneira discreta.

- **Identidade feminina e sensibilidade moral**

Mesmo sem discurso abertamente feminista, a obra marca presença feminina forte: sensível, ética e consciente.

4. Tom geral do livro

Cantos à beira-mar é um livro **sereno, contemplativo e profundo**, que combina:

- lirismo sentimental,
- filosofia intuitiva,
- religiosidade,
- crítica moral implícita,
- imagética natural,
- ritmo melodioso.

É uma leitura muito distinta das outras duas obras do PAES 2026, oferecendo o olhar de uma autora afrodescendente, pioneira e sensível, cuja poesia se organiza mais pelo **sentimento** do que pela **denúncia direta**, mas sempre com ética e humanidade.

TEMAS CENTRAIS

A obra organiza-se em torno de cinco grandes núcleos temáticos:

1. Natureza como espelho da emoção

- A natureza, especialmente o mar, é tratada como uma força viva que acompanha as oscilações afetivas do eu-lírico.
- É tema dominante: a paisagem marítima aparece como metáfora de paz, turbulência, mistério e entrega.

2. Melancolia, saudade e dor existencial

- A presença constante do sofrimento humano — seja por perdas, separação, solidão ou reflexão sobre a finitude — molda o tom dos poemas.
- A melancolia não é devastadora, mas contemplativa.

3. Amor idealizado e afetividade espiritualizada

- O amor aparece em tom delicado, sempre moralizado, confessional e profundamente sentimental.

- Há saudade, desejo contido, devoção, lembrança.
O amor raramente é carnal — é elevado, puro, quase sempre ligado à esperança ou à perda.

4. Espiritualidade e fé cristã

- Em vários momentos, o eu-lírico se refugia em Deus ou na providência divina, confiando na justiça e na misericórdia.
- Esse tema atravessa o livro com o mesmo peso que o amor e a natureza.

5. Compaixão e sensibilidade social

- Mesmo que o livro não seja uma obra social explícita, como *Úrsula*, existem poemas que demonstram sensibilidade perante o sofrimento dos outros, a injustiça, a pobreza e a morte.
- Há forte empatia humana e uma ética cristã de amor ao próximo.

MOTIVOS RECORRENTES

Motivos recorrentes são imagens, símbolos ou elementos repetidos ao longo dos poemas. Em *Cantos à beira-mar*, os principais são:

1. O mar

Elemento simbólico dominante:

- espelho da alma;
- imensidão da vida;
- metáfora da eternidade;
- cenário da contemplação.

2. A noite e o crepúsculo

A noite, o poente e a lua trazem:

- Silêncio,
- Introspecção,
- Mistério,
- Tristeza suave,

- Descanso espiritual.

3. O vento, as ondas e o movimento natural

- Representam instabilidade emocional, mudanças internas e a relação entre exterior e interior.

4. As flores, pássaros e elementos delicados

- Símbolos do efêmero, da beleza frágil e da pureza moral.

5. A solidão

- Não como abandono trágico, mas como estado reflexivo, condição para o autoconhecimento.

PERSONAGENS

Por se tratar de um **livro de poemas líricos**, não há personagens no sentido narrativo. Contudo, existe um **eu-lírico** muito bem caracterizado, que funciona como figura central da obra. É possível fazer um “perfil poético” dele:

Eu-lírico — Perfil e função

- Feminino na sensibilidade, mesmo quando não explicitado.
- Melancólico, contemplativo e moralmente elevado.
- Frequentemente posto em relação ao mar e à solidão.
- Religioso, esperançoso apesar da dor.
- Sensível ao sofrimento alheio.
- Busca equilíbrio e serenidade.

Evolução

O tom do eu-lírico oscila entre:

- dor → aceitação → serenidade → entrega espiritual.
- Essa oscilação cria o movimento harmônico do livro, que vai da inquietação inicial a um estado de maior compreensão.

NARRADOR E FOCO NARRATIVO

Como é poesia, o “narrador” é um **eu-lírico** subjetivo, predominando o **foco de primeira pessoa**.

Características do foco lírico:

- introspecção;
- expressão direta do sentimento;
- forte carga sensorial;
- metáforas ligadas ao ambiente natural;
- confissão emocional;
- comunicação com elementos do mundo natural (“mar”, “vento”, “noite”).

TEMPO, ESPAÇO E ESTILO

Tempo

- O tempo é **psicológico** e **subjetivo**, não cronológico.
- O eu-lírico percebia o tempo por:
- lembranças,
- saudade,
- ciclos naturais (dia, noite, estações),
- passagem leve da vida.

Espaço

- O espaço predominante é **o litoral**, especialmente o mar — não apenas como cenário, mas como entidade simbólica.
- Outros espaços: natureza tropical, céu, noite, locais de introspecção.

Estilo

O estilo de Maria Firmina se caracteriza por:

- Forte musicalidade;
- Uso de rimas e métrica tradicional;
- Poesias curtas e médias;
- Vocabulário simples e elegante;

- Imagens naturais intensas;
- Tom sentimental romântico;
- Religiosidade discreta, porém, constante;
- Uso simbólico da natureza.

MARCAS ESTÉTICAS

Apesar de ser uma obra de 1871, *Cantos à beira-mar* mantém características específicas:

1. Romantismo

Predomina o Romantismo brasileiro, em fase tardia:

- Subjetivismo;
- Emotividade;
- natureza idealizada;
- religiosidade;
- Sentimentalismo;
- visão moral da vida.

2. Pré-realismo social (sutileza crítica)

- Alguns poemas sugerem preocupação social, mas sem denúncia direta — algo típico da autora.

3. Lirismo espiritualizado

- A elevação moral e a pureza emocional marcam sua escrita, diferindo de parte do
- Romantismo mais exaltado.

4. Sensibilidade feminina pioneira

- A voz feminina é central, ainda que discretizada pela linguagem romântica tradicional.

RELAÇÕES COM O VESTIBULAR (PAES–UEMA)

A UEMA, especialmente no PAES, costuma cobrar:

1. Interpretação profunda do texto literário

Poemas como os de *Cantos à beira-mar* exigem atenção ao simbólico:

- o mar como metáfora,
- a natureza como espelho da alma,
- o eu-lírico melancólico,
- imagens recorrentes (noite, vento, ondas).

2. Temas recorrentes no vestibular

A UEMA gosta de relacionar literatura maranhense com:

- identidade regional,
- pioneirismo feminino,
- crítica social no século XIX,
- religiosidade e moral,
- romantismo brasileiro.

3. Estilo e escolas literárias

Muito cobrado em provas:

- características do Romantismo tardio,
- transição para o Realismo,
- elementos afro-brasileiros na literatura,
- a especificidade da escrita feminina no século XIX.

4. Questões comparativas entre obras

Por ser uma das três leituras obrigatórias, é provável que haja perguntas cruzadas envolvendo:

- *As meninas* (Telles),
- *Cantos à beira-mar* (Firmina),
- *Entre a espada e a rosa* (Colasanti).

Possíveis temas cobrados

1. Romantismo no Maranhão

- Subjetivismo e paisagem litorânea.
- A presença do mar como elemento simbólico.

2. Mulher e literatura

- Pioneirismo de Maria Firmina como voz feminina.
- A sensibilidade e a postura ética na poesia.

3. Espiritualidade

- A relação entre dor, fé, superação, resignação.
- O papel de Deus na estrutura emocional dos poemas.

4. Natureza simbólica

- Natureza = espelho da alma (tema muito explorado em provas).
- Movimento das ondas como metáfora da vida humana.

5. Crítica social sutil

- Olhar para o sofrimento do próximo.
- Indignação moral diante da miséria humana.

ASSUNTOS TRANSVERSAIS

1. Cidadania e empatia

A obra trabalha o olhar para o outro:

- sofrimento humano,
- compaixão,
- responsabilidade moral.

2. Identidades

- Mulher escritora negra no século XIX;

- Identidade afro-brasileira na literatura;
- Marginalização de vozes femininas.

3. Conflitos

- Existenciais: dor, finitude, solidão.
- Emocionais: saudade, angústia, amor idealizado.
- Sociais: pobreza e desigualdade.

4. Meio ambiente e paisagem

- O mar como lugar de contemplação.
- Relação entre ser humano e natureza.

QUESTÕES OBJETIVAS (COM GABARITO E EXPLICAÇÃO)

1. Em *Cantos à beira-mar*, o mar funciona principalmente como:

- A) Elemento meramente descritivo.
- B) Símbolo das tensões políticas do século XIX.
- C) Espelho das emoções e meditações do eu-lírico.
- D) Cenário para narrativas ficcionais marítimas.
- E) Recurso de ambientação naturalista.

2. A poesia de Maria Firmina dos Reis apresenta características típicas do Romantismo, EXCETO:

- A) Subjetivismo e sentimentalismo.
- B) Idealização da natureza.
- C) Valorização do eu-lírico.
- D) Racionalismo rígido e antissentimentalismo.
- E) Presença de religiosidade.

3. A crítica social presente em *Cantos à beira-mar* caracteriza-se como:

- A) Violenta e explícita, de tom panfletário.
- B) Sutil e ética, centrada na compaixão e na justiça.
- C) Totalmente ausente.
- D) Focada exclusivamente em questões econômicas.
- E) Voltada apenas à escravidão.

4. Maria Firmina dos Reis é considerada uma figura importante da literatura brasileira porque:

- A) Foi a primeira romancista naturalista do Brasil.
- B) Representa uma das vozes femininas pioneiras, com destaque como escritora negra no século XIX.
- C) Criou exclusivamente obras de crítica política radical.
- D) Escreveu apenas romances extensos.
- E) Abandonou completamente a estética romântica.

GABARITO

1. Gabarito: C

Explicação:

O mar é **metáfora central** da sensibilidade romântica da obra, representando estados da alma e movimentos internos do eu-lírico.

2. Gabarito: D

Explicação:

O racionalismo é próprio do Realismo/Iluminismo — não do Romantismo. Firmina valoriza emoções, moralidade e espiritualidade.

3. Gabarito: B

Explicação:

A obra apresenta sensibilidade social através do olhar compassivo para o sofrimento humano, sem denúncia direta ou tom político explícito.

4. Gabarito: B**Explicação:**

Firmina é referência por sua posição histórica como mulher escritora negra, pioneira em vários gêneros (romance, poesia, conto, hino).

I. Conclusão e Orientações Finais**1. Como revisar com eficiência**

- Leia os poemas em blocos temáticos (mar, amor, espiritualidade, dor, crítica social).
- Faça anotações das imagens simbólicas que se repetem.
- Relacione cada poema a um sentimento predominante.
- Compare trechos com características do Romantismo.

2. Como usar este material na etapa final

- Revisar os quadros-síntese antes das provas.
- Treinar interpretação com questões objetivas.
- Fixar vínculos entre Firmina, Telles e Colasanti.
- Revisar as marcas estéticas:
 - mar = metáfora,
 - religiosidade,
 - sensibilidade feminina,
 - crítica social sutil.

3. O que mais cai na UEMA sobre *Cantos à Beira-Mar*

- importância histórica de Maria Firmina,
- características do Romantismo maranhense,

- relação entre natureza e sentimento,
- espiritualidade,
- empatia e questões sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras analisadas neste material — *As Meninas*, de Lygia Fagundes Telles, e *Cantos à beira-mar*, de Maria Firmina dos Reis — oferecem ao estudante do PAES/UEMA um panorama amplo da literatura brasileira em diferentes momentos históricos. Ao estudá-las, recomenda-se atenção às particularidades estéticas, às relações com o contexto sociopolítico e às marcas identitárias que estruturam as narrativas. Para fins de vestibular, o estudante deve focar na compreensão dos temas centrais, da construção das personagens, das tensões narrativas e dos recursos linguísticos empregados por cada autora, relacionando esses elementos às competências exigidas nas provas de leitura, interpretação e análise crítica.

REFERÊNCIAS

Maria Firmina dos Reis. *Cantos à beira-mar*. Guimarães: 7 de abril de 1871 (edição digital: Biblioteca Virtual Brasileira / Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos). Disponível em:
<https://literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=117651>. Acesso em: 16 de novembro de 2025.

TELLES, Lygia Fagundes. *As Meninas*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.